

METODISMO SOCIAL, A ORIGEM DO CAPITALISMO FINANCEIRO

Autor (1) Rudan Lobo Cavalcante de Carvalho
Universidade Grendal do Brasil - rudanlobo@hotmail.com

Orientador (4) Rizzardo Roderico Pessoa Queiroz de Rodrigues Góis
Universidade Grendal do Brasil – rizzardo21@yahoo.com.br

RESUMO: O calvinismo guiava seus fiéis a um modo de vida baseado na retidão e de acordo com Max Weber os protestantes com este modo de vida resignado e baseado na servidão foram grandes colaboradores para o desenvolvimento do capitalismo. Contudo outros sociólogos participaram deste caminho como norteadores de uma sociedade que se tornaria líquida e ornada de indivíduos que buscam sua posição frente ao contexto social que estão inseridos. Para Durkheim o trabalho social tinha uma divisão econômica que se expressava nos diferentes tipos de profissões e atividades industriais. Karl Max e Engels exortam as principais ideias do Manifesto Comunista e destacam as questões sobre propriedade privada, acúmulo de capital e as mazelas sociais que o mesmo provoca, é demonstrada a importância de se compartilhar tudo com Estado para ser repartido com igualdade e evitar a desigualdade. Weber entendia que o calvinismo era a força motriz que movia o capitalismo, pois o calvinismo estimulava o lucro que era uma prática condenada pelo catolicismo. Agamben por sua vez leva-nos a uma reflexão para que possamos acordar e atuar contrário e escuridão que estamos inseridos. Partindo da ótica positivista de Durkheim, utilizando um método investigativo para justificar um entendimento do caminho traçado pelo capitalismo da época de Karl Max, Weber e Durkheim até o momento especulativo que vivenciamos e nossa atuação como ser social, pretendo investigar os movimentos sociais que ocorreram desde a segunda revolução industrial até os dias atuais, analisar as ideologias destes movimentos, e justificar os objetivos implícitos nos eventos sociais para expansão do capitalismo e sua necessidade.

Palavras-chave: caminho, capitalismo, ideologias, indivíduos, necessidade.

INTRODUÇÃO

A reforma protestante trouxe uma nova característica social, que era retidão das condutas pessoais dos indivíduos que na busca pela salvação passaram moldar suas ações de acordo com a doutrina calvinista, passando a seguir condutas regradas e dando importância ao trabalho como realização divina.

De acordo com Max Weber essa cultura dos fiéis que diariamente deveriam dar sinais de fé, e eles faziam isso ao levar uma vida rigorosamente racionalizada, procurando cumprir sua vida cotidiana e moral seguindo a premissa que foi advinda da reforma protestante que trouxe um novo modo de ser, e muito embora não tivesse o interesse em estabelecer uma nova ordem econômica, passou a sustentar a essência deste sistema. O trabalho ganhou destaque e passou a ser concebido como realização da vontade divina. Havia a teoria da predestinação Calvinista que a salvação era pré-definida e aos fiéis restava seguir uma vida regrada e de adoração e se dessem um passo fora deste regramento perderiam sua salvação.

Esse novo contexto social advindo da retidão religiosa, criou indivíduos mais dedicados ao trabalho, ou seja, produtivos ao mundo capitalista, que reduziram gastos em extravagâncias e evitaram o desperdício para cumprir seus ideais em busca da salvação. Contudo havia uma diferença entre este capitalismo primordial e o atual que a doutrina é lucro pelo lucro, nos primórdios se tratava de uma atitude centralizada na retidão através do protestantismo, e acabou criando uma cultura que no decorrer do tempo se tornaria o capitalismo hoje conhecido como financeiro ou monopolista. Durkheim por sua vez como positivista que era, tinha no seu ponto de vista a concepção de Direito e moral que ele acreditava ser quem nos ligava uns aos outros.

Podemos dizer, pois, de maneira geral, que a característica das regras morais é que elas enunciam as condições fundamentais da solidariedade social. O direito e a moral são o conjunto de vínculos que nos prendem uns aos outros e à sociedade, que fazem da massa de indivíduos um agregado e um todo coerente. É moral, pode-se dizer, tudo o que força o homem a contar com outrem, a reger seus movimentos com base em outra coisa que não os impulsos de seu egoísmo [...] (DURKHEIM, 1999, p. 420)

Para Durkheim o trabalho social tinha uma divisão econômica que se expressava nos diferentes tipos de profissões e atividades industriais. A divisão do trabalho tinha princípios que denotavam a supremacia da moralidade sobre a finalidade econômica. Contudo, a capacidade de se aumentar a produtividade devido a especialidade que tornava possível uma maior eficiência na cadeia produtiva permitia a comercialização de produtos como qualidade melhor e preços mais baixos, isso positivava os papéis laborais dos indivíduos da sociedade menos complexa até a mais complexa.

METODOLOGIA

Partindo da ótica positivista de Durkheim, utilizando um método investigativo para justificar um entendimento do caminho traçado pelo capitalismo da época de Karl Max, Weber e Durkheim até o momento especulativo que vivenciamos, pretendo investigar os movimentos sociais que ocorreram desde a segunda revolução industrial até os dias atuais, analisar as ideologias destes movimentos, e justificar os objetivos implícitos nos eventos sociais para expansão do capitalismo e sua necessidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Capitalismo e Segunda Revolução Industrial

A segunda revolução industrial trouxe deveras modificações na sociedade e podemos destacar a diminuição do trabalho artesanal devido ao aumento das mercadorias manufaturadas em máquinas; surgimentos de empresas que faziam utilização em massa dos trabalhadores assalariados; diminuição do tempo de produção de mercadorias; maior concentração de renda, tudo isso trouxe reflexos na vida urbana e no comportamento das pessoas.

As cidades cresceram de maneira desordenada, ocorreu êxodo rural e parte da população passou a viver em condição precária, houve aumento da poluição, em determinado momento até a mão de obra infantil foi utilizada, surgiram os sindicatos dos trabalhadores no interesse de defender os interesses destes homens, mulheres, e crianças que sofriam exploração.

Havia uma perspectiva que mais revoltas ocorressem, e para evitar isso alguém precisava justificar essa exploração, apaziguar e negociar um equilíbrio entre os operários e os donos das empresas. Começa aqui a preparação social para o capitalismo moderno que requer retidão, empenho, qualificação, especulação, empreendedorismo, inovação, e outras qualidades que o indivíduo deve possuir.

Houveram diversas justificativas para o trabalho, entretanto as mais utilizadas foram a realização da vontade divina, e o dever moral. Contudo, havia uma outra corrente que foi guiada pelo ilustre Karl Max e Friedrich Engels que criaram um documento histórico chamado de Manifesto do Partido Comunista que testemunhava a rebeldia dos seres humanos em uma estrutura simples de apenas quatro capítulos que em alguns momentos surgem passagens irônicas, que chegam a ser bombásticas. Foi publicado em 1847 vindo a incendiar mentes e corações para lutarem contra a escravidão clássica, servidão medieval, obscuridade religiosa e demais formas de opressão que ocorriam naquela época.

Na primeira parte do livro Max e Engels iniciam com a seguinte frase: *“A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas das classes”*. Passando então a discorrer sobre desavenças que há muito tempo ocorrem entre opressores e oprimidos para resumir os grupos envolvidos nestas lutas. A História mostra como a manufatura substituiu a antiga organização feudal e a divisão do trabalho entre as corporações deu lugar a divisão dentro da própria oficina, que, todavia, após a ampliação dos mercados, e a procura mais acentuada de mercadorias, estas oficinas deram lugar a maquinaria e o vapor

que revolucionaram a produção industrial da época.

A própria manufatura foi suplantada pela grande indústria e a burguesia industrial perdeu o lugar para os milionários da indústria que se tornaram os chefes da grande indústria. *“A grande indústria criou o mercado mundial preparado pela descoberta da América. O mercado mundial acelerou prodigiosamente o desenvolvimento do comércio, da navegação, dos meios de comunicação”*.

Na segunda parte temos Max e Engels chamam a atenção dos comunistas para unirem seus interesses a um propósito comum ao do proletariado. Nesta parte é demonstrado os pontos em comum, é revelada a queda da superioridade da burguesia e a transferência do poder político para o proletariado que era maioria. O trabalho foi revelado como um meio para se criar o capital e como sendo uma força social, e não individual para os comunistas o trabalho exaltava o proletariado, já a burguesia entendia o capital como independente e individual.

Em sua terceira parte os autores discorrem sobre os antigos regimes comunistas e socialistas com críticas ao socialismo reacionário, conservador, e o socialismo e comunismo crítico-utópico. No primeiro havia uma ótica burguesa que vislumbrava continuar com o método de produção e troca vigentes, o socialismo conservador tinha como objetivo uma reforma sem revolução, já o socialismo e comunismo crítico-utópico procurava mudança através de exemplos sem lutas políticas.

Ao concluir Max e Engels exortam as principais ideias do Manifesto e destacam as questões sobre propriedade privada, acúmulo de capital e as mazelas sociais que o mesmo provoca, é demonstrada a importância de se compartilhar tudo com Estado para ser repartido com igualdade para evitar a desigualdade. O livro buscou um equilíbrio para impedir a miséria, exploração trabalhista e proporcionar a equidade social.

O Trabalho era Considerado Realização da Vontade Divina

Foi João Calvino tinha uma perspectiva de que o homem exerceria a plenitude de sua humanidade como ser realizado e autêntico através do trabalho, pois esta é sua vocação. Assim aquele que não trabalha, não cumpre à sua vocação, pois foi para isso que cada um fora chamado desde a criação. Max Weber elucidou bem esta aliança entre o calvinismo e o capitalismo em “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”.

Especialmente o calvinismo, onde quer que tenha surgido, exhibe essa combinação. Por menos que ele estivesse ligado, na época da propagação da Reforma, a uma determinada classe em particular em algum país (como em geral qualquer das confissões protestantes), um traço característico e em certo sentido "típico" das igrejas huguenotes francesas foi que, por exemplo, os monges e os industriais (comerciantes, artesãos) estivessem desde logo numericamente bem representados entre os prosélitos, e assim permaneceram mesmo nos tempos de perseguição. Já sabiam os espanhóis que "a heresia" (ou seja, o calvinismo dos Países Baixos) "fomentava o espírito comercial". (WEBER, 2004, P.36-37)

A ligação entre o capitalismo e calvinismo foi bem nítida, pois este último norteava o cristão a uma plena dedicação laboral, e caso este indivíduo venha a conquistar sucesso devido ao seu trabalho e também a riqueza, certamente este é um dos sinais de Deus que ele está entre os escolhidos. Weber entendia que o calvinismo era a força motriz que movia o capitalismo, pois o calvinismo estimulava o lucro que era uma prática condenada pelo catolicismo.

Contudo, não podemos dizer que o avanço do capitalismo se deu meramente devido ao protestantismo, por este ter enfraquecido o catolicismo, e com isso fortalecido o poder estatal. Outros fatores combinados foram combinados, de fato os países protestantes eram mais receptivos aos comerciantes estrangeiros como os flamengos que já eram laboriosos em seu país de origem e expulsos de sua terra natal, encontravam em países protestantes as circunstâncias necessárias para desenvolverem seu negócio.

De fato, o que existia era uma necessidade de justificar esse trabalho que na maioria das vezes era uma exploração que envolvia idosos, mulheres e crianças, muitos operários estavam insatisfeitos e alguém precisava fazer alguma coisa, e essa justificação de vontade divina guiava muitos fiéis em labutas extenuantes e trouxe extrema retidão nas condutas sociais, pois o verdadeiro fiel não iria se rebelar e perder sua salvação.

A Efetivação das Tarefas Individuais e a moral Mais lucrativa

Iniciando a discussão deste tópico trazemos a ótica positivista daquele que para muitos foi o pai da sociologia moderna, que era descendente de judeus e optou por abandonar sua herança judaica para se dedicar aos estudos sobre a sociedade desafiando ideologias da época e expondo seu ponto de vista.

Émile Durkheim realiza uma abordagem da maneira que ocorre a divisão do trabalho nas sociedades, sendo elas de acordo com seu positivismo consideradas inferiores ou superiores, que eram representadas respectivamente pela solidariedade mecânica que os indivíduos compartilham de valores sociais, crenças e interesses capitais similares, e solidariedade orgânica que possuía uma complexidade maior, pois existia divisão de tarefas, diferenças individuais e sociais.

O autor traça um paralelo entre a importância da moral para as sociedades consideradas inferiores e a especialização para as sociedades superiores, no sentido de demonstrar que mesmo sendo diferentes moral e especialização, possuíam a mesma função que é a harmonia da sociedade. Durkheim destaca o caráter das sanções que eram comumente repressivas quando inerentes a solidariedade mecânica e restitutivas na solidariedade orgânica.

Podemos dizer, pois, de maneira geral, que a característica das regras morais é que elas enunciam as condições fundamentais da solidariedade social. O direito e a moral são o conjunto de vínculos que nos prendem uns aos outros e à sociedade, que fazem da massa de indivíduos um agregado e um todo coerente. É moral, pode-se dizer, tudo o que força o homem a contar com outrem, a reger seus movimentos com base em outra coisa que não os impulsos de seu egoísmo [...] (DURKHEIM, 1999, p. 420)

Percebemos que existe um desequilíbrio da forma que as solidariedades foram compreendidas e tratadas, pois se envolvia os menos favorecidos ocorriam sanções repressivas, no entanto quando abrangia os membros das sociedades superiores estas sanções eram restitutivas, ou seja, restabelecimento de uma relação perturbada ou reparação de um status quo.

Isso mostra que o positivismo de Durkheim mesmo defendendo a premissa que os problemas sociais vividos pelos europeus eram de natureza moral e não econômica, pois era destacada a predominância da sociedade sobre o indivíduo, que de fato houve e há, mas não é a sociedade como um todo, e sim daquela que detinha o poder, a sociedade superior.

A Busca Excessiva por Riquezas e Necessidade do Ser Contemporâneo

Nos dias atuais vivemos a era do Homem Pós-moderno, conseqüentemente, um consumo excessivo advindo do modo de vida produzido por esse momento nos desprende de todos tipos de ordem social antes considerados tradicionais, onde o contemporâneo se torna marcado pela falta dos padrões de segurança, estabilidade e certezas. Zygmunt Bauman autor prodígio e conhecido como pensador dos tempos líquidos articulou em sua obra “*Vida Líquida*” a evolução da sociedade norteada na segurança e estabilidade para tornar-se uma sociedade líquida e instável.

Bauman exorta que nós sujeitos fazemos usos não apenas dos produtos, mas do que possa ser indicado como modo de significação. O autor indica que relações de inclusão e exclusão podem ser determinadas por regras de mercado, mostrando o mercado como uma instância central que determina regras.

AGAMBEN por sua vez nos leva a uma reflexão para que possamos acordar e atuar contrário e escuridão que estamos inseridos. O autor enfatiza que para tornarmos contemporâneos devemos deixar de observar apenas as luzes que nos rodeiam, mas ver a escuridão, mas as nuances que permeiam o enfrentamento desta escuridão tornam raro os contemporâneos.

Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar, mas não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar (AGAMBEN, 2009, p.65).

CONCLUSÃO

Estamos em um momento que requer sabedoria e atitude, pois a vida confortável que possuímos e o paraíso de alguns pode ruir se poucos não derem um pouquinho o braço a torcer. Acabar a desigualdade é utopia, o tratamento digno para todos, só para os religiosos no paraíso. Aqui temos que ser racionais e tocar o rumo de nossa sociedade para um futuro melhor com sustentabilidade.

Atualmente as lutas por poder entre as nações e o diário da corrupção no Brasil estão estampando as primeiras páginas de nossas notícias, mas o pior está ofuscado e quando vier ninguém poderá resolver. O racionalismo faz parte de um “*ser*” humano que não deve ser um mero ente portador de riquezas, mas um “*ser*” perpetuador de prosperidade com sabedoria e discernimento.

Por fim, este trabalho trouxe nitidamente os interesses intrínsecos que atuaram para que pudéssemos viver esse período de esplendor capitalista, onde temos muito mais que precisamos, e falamos muito mais que agimos, e quando agimos é com interesses meramente individuais que nos guiam para significância social da sociedade líquida.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 7-151.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes: 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, **Manifesto do Partido Comunista** - 1848

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.